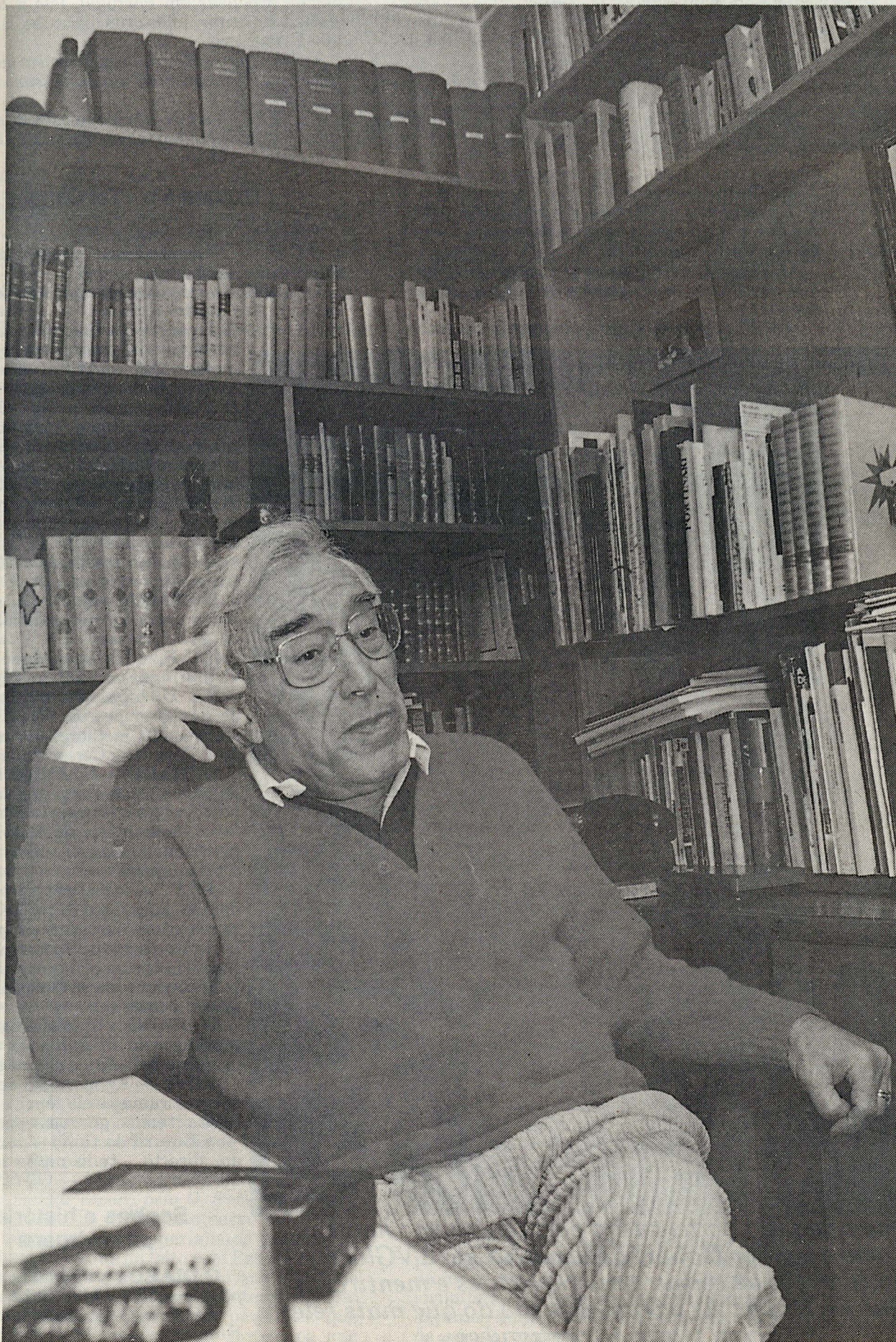


# «O povo não é sagrado»



*A balada da vida não lhe minou o espírito. Fala com palavras de coragem, num tom coloquial, aberto, sem clausuras. Atira a matar aos podres da sociedade que na sua perspicácia são as capelinhas do fundamentalismo católico e os parasitários espaços de debate político. Portugal, diz o homem, mantém no leme a legítima sucessão de Salazar.*

*A vida, confessa, pode ser um manancial de riquezas onde os tostões se dispensem. Por isso as ideias de liberdade tão vincadas, o espírito crítico tão musculado e a ironia tão maquilhada. José Cardoso Pires, marialva reformado, dá-nos a sua versão da cartilha portuguesa, em capítulos*



Tiago Salazar (texto) Rogério Sarzedo (fotos)

**O DIABO** — *Como dizia Heidegger, «o homem é um ser para a morte». O escritor será um ser para a vida?*

**JOSÉ CARDOSO PIRES** — Penso que cada vez que se discute a morte discute-se a vida. Muitas vezes há quase premonições, definições do homem pela maneira de morrer.

**O DIABO** — *Está a pensar no seu bem-amado Hemingway?*

**J.C.P.** — É um dos exemplos. Veja como ele morreu, de rifle atravancado nas goelas, que é muito característico dos heróis dele. De toda a maneira, não se concebe a ideia da morte sem a ideia da vida. Quem faz da vida um pretexto para a morte são os fanáticos beatos, os fundamentalistas religiosos, essa raça abjecta, esses assassinos do homem. Refiro-me também aos fundamentalistas católicos, que são tão odiados como os muçulmanos. Por consequência, é uma pergunta difícil de responder. A literatura, se fala da morte, fala também da vida. Não penso que a equação seja assim tão clara.

## O escritor na cidade

**O DIABO** — *O escritor é um fingidor que finge tão completamente que ninguém lhe reconhece o estatuto?*

**J.C.P.** — Não sei se se pode linearizar o fingimento de todos os escritores. A razão por que não se reconhece o estatuto do escritor são múltiplas. Elas não derivam propriamente do seu estatuto de fingidor. Penso que as definições desse papel de quem escreve e finge entram no capítulo das touradas. Tipo um ornamento subserviente. Nenhuma definição é válida por si própria. O que há de perigoso para um escritor profissional é ser um animal incómodo. Isto para não entrarmos na sociedade de consumo, na exploração que se faz da criação literária que se pratica em todo o lado. A sociedade de consumo mima a cultura, mas depressa a pode conduzir a ser esmagada.

*«Quem faz da vida um pretexto para a morte são os fanáticos beatos, os fundamentalistas religiosos, essa raça abjecta, esses assassinos do homem»*

**O DIABO** — *O escritor tem uma missão ou cumpre apenas o dever de ser livre?*

**J.C.P.** — O dever de ser livre deve entrar na cabeça de qualquer cidadão. O escritor, tal como o artista plástico, por exemplo, é fundamentalmente um indivíduo que sonha com a obra-prima. O escritor, romancista ou ficcionista, tem o sentido da utopia. Daí a sua inconformidade com a sociedade. Não há nenhum grande escritor que se conforme com a sociedade em que vive, por melhor que ela seja. Contrariamente ao político que joga com a técnica do possível, do realismo, a *realpolitik*. A sua utopia, se existe, nunca ultrapassa o mero lançar de dados tangíveis. Enquanto o escritor é um animal insatisfeito, à procura de torrear os conformismos da sociedade. Um revoltado. No meio disto há espaço para o charlatão. Até na Igreja.

**O DIABO** — *Explique lá.*

**J.C.P.** — A atitude displicente e por vezes cooperante deste papa para com os grandes problemas mundiais ilustra bem o que digo.

**O DIABO** — *E o leitor, tem alguma missão?*

**J.C.P.** — O leitor tem uma missão importantíssima. Ajuda a escrever os livros. Uma obra de ficção, um romance, uma história é sempre escrita a meias com o leitor. A obrigação dele é ter um critério de exigência, ser sensível à criatividade e poder acrescentar alguma coisa ao que está escrito.

(Continua na página VIII)